

Miller, J.-A. Assuntos de família no inconsciente, In: aSephallus Revista de Orientação Lacaniana Nº4, vol. II. 2007

“(...) O ponto de partida é que a língua falada por cada um é um assunto de família e que a família no inconsciente é, primordialmente, o lugar onde aprendemos a língua materna. É por isso que o lugar da família está ligado à língua que falamos, quero dizer, que falar, falar numa língua já é dar testemunho de um laço com a família.” **p. 82**

“Lacan procurou um fundamento biológico para a falta-a-ser, mostrando que o ser humano nasce inacabado, mais inacabado que qualquer outro animal, pois, para satisfazer suas necessidades, lhe é preciso o cuidado do outro. Os animais também têm necessidade dos cuidados do outro quando são pequenos, mas o que especifica o humano é que ele chama o Outro, que ele transforma em gritos os apelos, de modo que os primeiros gritos da criança são já balbucios, com escansões nos sons que variam de uma língua para a outra; muito rápido, aquilo que dizem as crianças – o balbucio, os barulhos – se distingue segundo a língua em que se banharam.” **p. 82**

“Podemos dizer que a família se instala no inconsciente do neurótico porque ela é o lugar onde o sujeito experimentou o perigo. A família, com efeito, é o lugar do Outro da língua, logo, é o lugar do Outro da demanda.” **p. 82**

Miller, J. –A. O monólogo da aparola. http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_9/O_monologo_da_aparola.pdf

“(...) É isto que ele propõe como gozo da fala, a Outra satisfação, a que se fundamenta na linguagem e é distinta do que seria o puro gozo do corpo não falante. Mas a própria expressão gozo da fala pode deslizar, sem que se perceba o valor que deve ser dado a ela. Analistas ortodoxos – como eles se chamam – estavam prestes a colocar isso no registro da pulsão oral. Não é esse o valor próprio que Lacan dá a esta expressão, gozo da fala. É preciso dar um valor radical a essa expressão, ou seja: o gozo fala. A fala é animada por um querer-gozar. Não se trata apenas de demanda. Seria possível dizer que a demanda visa uma necessidade, uma satisfação, inclusive um gozo e que, portanto, esse querer-gozar já estava presente na noção de demanda, porém um querer-gozar que passa, que é dominado, pelo querer-dizer.” **p. 17**

Miller, J. –A. “O inconsciente e o corpo falante” - Apresentação do tema do X Congresso da AMP”. 2014. <https://www.congressoamp2016.com/uploads/8d43a017ed95340e07f9ca4dbb5cb235eb472a04.pdf>

“(...) Estava quase endossando essa ideia quando me dei conta de que o corpo, como corpo falante, muda de registro. O que é o corpo falante? Ah, é um mistério, disse Lacan um dia. Esse dito de Lacan deve ser ainda mais mantido pelo fato de que mistério não é matema, é até mesmo o oposto. Em Descartes, o que faz mistério, mas permanece indubitável, é a união da alma com o corpo. A «Sexta meditação» lhe é dedicada e, por si só, ela mobilizou tanto a engenhosidade de seu mais eminente comentador quanto as cinco precedentes. Essa união, uma vez que ela concerne meu corpo, *meum corpus*, vale como terceira substância entre substância pensamento e substância extensão. Esse corpo, diz Descartes – a citação é famosa –, «não apenas estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas, além disso, estou muito estreitamente ligado a ele e de tal forma confundido e misturado que componho com ele como uma só totalidade».”

“O corpo falante fala em termos de pulsões. Isso autorizava Lacan a apresentar a pulsão sob o modelo de uma cadeia significante. Ele prosseguiu na via desse desdobramento em sua lógica da fantasia, na qual ele disjunta o Isso e o inconsciente. Mas, em contrapartida, o conceito de corpo está na junção do Isso com o inconsciente. Ele lembra que as cadeias significantes que deciframos à maneira freudiana são conectadas com o corpo e são feitas de substância gozante. Quanto ao Isso, Freud dizia que ele era o grande reservatório da libido. Esse dito é deportado para o corpo falante que, como tal, é substância gozante. É do corpo que são extraídos os objetos a; é no corpo que é buscado o gozo para o qual trabalha o inconsciente.”

“A interpretação não é um fragmento de construção incidindo sobre um elemento isolado do recalque, como o pensava Freud. Ela não é a elucubração de um saber. Ela não é tampouco um efeito de verdade logo absorvido pela sucessão das mentiras. A interpretação é um dizer que visa ao corpo falante para produzir nele um acontecimento, para passar para as tripas, dizia Lacan. Isso não se antecipa, mas se verifica a posteriori, pois o efeito de gozo é incalculável. Tudo o que a análise pode fazer é afinar-se com a pulsação do corpo falante para se insinuar no sintoma.”

“Trata-se do corpo falante com seus dois gozos, gozo da fala e gozo do corpo: um leva ao escabelo, o outro sustenta o sinthoma.”